

«Apaixonei-me pela família fascinante
que está no centro deste livro incrível.»

Ann Napolitano

QUOCIENTE DE FELICIDADE

LIVRO DO ANO • *OPRAH DAILY*
NOMEADO MELHOR THRILLER • GOODREADS CHOICE AWARDS

ANGIE KIM

BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

TOP
SEL
LER

Dedicado a Jim, Carleton, Steve e Andrew

Perdi um mundo — foi há dias!

Alguém encontrou?

EMILY DICKINSON (1896)

Uma pessoa senta-se numa duna no deserto, não vê nada, não ouve nada. No entanto, algo pulsa e brilha no silêncio. — O que torna o deserto belo — disse o Príncipezinho — é haver um poço escondido algures...

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY,

O Príncipezinho (1943)

O mundo é um local surreal. Sejam curiosos.

STEPHEN HAWKING,

O Universo numa Casca de Noz (2001)

PARTE I
ESTÃO TODOS BEM

Locke, Bach e K-Pop

Não chamámos logo a polícia. Mais tarde, haveria de me recri-
minar por isso e de pensar se não teria sido tudo diferente se
não tivesse ignorado a situação, insistindo que o meu pai não
estava *mesmo* desaparecido, apenas atrasado, provavelmente
ainda na floresta à procura do Eugene, a pensar que ele tinha
fugido. A minha mãe diz que a culpa não foi minha, que estava
apenas a ser otimista, mas eu sei que não é verdade. Não acredito
no otimismo. Acredito que existe uma linha ténue (isto se existir
alguma) entre o otimismo e a idiotice deliberada, por isso tento
evitar completamente o otimismo, não vá eu pisar nessa linha
por engano.

O meu irmão gémeo, o John, também insiste em fazer-me
sentir melhor, e diz que não podíamos adivinhar que havia algo
de errado naquela manhã tão típica, o que é um perfeito dispa-
rate. Afinal de contas, porque partimos do princípio de que as coi-
sas não podem correr mal só porque ainda não correram? A vida
não é geometria; os piores momentos, aqueles que podem mudar
a nossa vida, não acontecem de forma previsível, no fundo de um
declive de uma reta. As tragédias e os acidentes são trágicos e
acidentais precisamente devido ao seu carácter inesperado. Além
disso, considerar qualquer coisa na nossa família como «típica»...
só me resta abanar a cabeça. Nem sequer estou a pensar nas

coisas medianamente típicas, como o facto de eu e o John sermos gémeos, a nossa birracialidade (coreana e caucasiana), os papéis parentais não tradicionais (mãe que trabalha, pai que fica em casa), ou os apelidos diferentes (Parson da parte do pai + Park da parte da mãe = Parkson como apelido dos filhos). Nada disto é comum, certamente, mas também não será chocante na nossa zona, nos dias que correm. O que nos torna inequivocamente atípicos é o duplo diagnóstico do meu irmão mais novo, o Eugene: autismo e uma doença genética rara chamada síndrome de Angelman (SA) em mosaico, o que significa que não consegue falar, tem dificuldades motoras e — e isto é o que fascina muitas pessoas que nunca ouviram falar de SA — um comportamento invulgarmente feliz, com sorrisos e gargalhadas constantes.

Perdão, estou a desviar-me do assunto. É um dos meus maiores defeitos e algo que estou a tentar melhorar. (Para ser sincera, não tenciono anular esta minha característica por completo porque, por vezes, estas tangentes acabam por ser importantes e/ou divertidas. Por exemplo, a minha tese de licenciatura, *Filosofia da Música e Programação Algorítmica: Locke, Bach e K-pop vs. Prokofiev, Sartre e Jazz Rap*, nasceu de uma nota de rodapé na minha proposta original. Além disso, não consigo evitar; é assim que a minha mente funciona. Vamos encontrar um meio-termo: vou colocar as minhas divagações em notas de rodapé. Quem gosta de pequenos desvios divertidos, como eu e o meu pai, pode lê-las. Quem acha as notas de rodapé irritantes (como o John) ou quer saber o que aconteceu o mais depressa possível (como a minha mãe), pode ignorá-las. Quem estiver indeciso pode experimentar algumas e ver como corre.)

Adiante. Falava eu da polícia. O facto é que sabia que havia algo de errado. Todos sabíamos. Não queríamos chamar a polícia porque não queríamos dizê-lo em voz alta, tal como eu agora ando aqui às voltas, centrada na questão periférica de chamar a polícia em vez de dizer simplesmente o que aconteceu.

Cá vai. O meu pai, Adam Parson, de 50 anos, está desaparecido. Às 9h30 de terça-feira, 23 de junho de 2020, ele e o meu

irmão Eugene, de 14 anos, foram até ao Parque de River Falls, aqui perto, como faziam quase todas as manhãs desde que regressei da universidade para ficar em confinamento. Sabemos que chegaram ao parque; há testemunhas oculares, uma dezena de caminhantes e passeadores de cães que os viram juntos em vários pontos do trilho da cascata até às 11h10. Às 11h38 (sabemos a hora exata pelas imagens da câmara do veículo), o Eugene já tinha saído do parque e corria por uma estrada secundária estreita do nosso bairro, obrigando um condutor que não tinha parado num sinal de stop e feito a curva demasiado depressa a desviar-se para uma vala, de modo a não atropelar o meu irmão. Pouco antes de as imagens da câmara ficarem distorcidas com o abanão do embate, vemos um Eugene difuso, que não para, não se vira, nem sequer olha para o carro ou para qualquer outra coisa — limita-se a tropeçar um pouco, tão perto do carro que quase se podia jurar que tinha sido atingido. O chiar dos pneus e o som do carro a bater na vala, para não falar da reação em cadeia dos dois carros que vinham atrás, causaram aparentemente uma terrível cacofonia de estalidos metálicos, batidas e guinchos que atraíram as pessoas para a rua. Os transeuntes relataram ter visto um rapaz, que mais tarde identificaram como sendo o Eugene, a cambalear dali para fora. É de notar que nenhum dos cinco transeuntes, três condutores ou dois passageiros envolvidos no acidente viu o meu pai a anteceder, perseguir ou acompanhar o Eugene. Confirmámos este facto várias vezes, e é indiscutível: o Eugene estava sozinho no nosso bairro.

Enquanto tudo isto acontecia, eu estava a viver aquele que considerava ser um dos grandes momentos trágicos da minha vida. É engraçado como este tipo de apreciações é relativo, como muda consoante o contexto: esse dia tornou-se, obviamente, desde então, o Dia do Desaparecimento do Pai, mas, se me tivessem perguntado nessa manhã, teria afirmado de forma inequívoca ser aquele o Dia da Grande Separação. Mesmo que não tenha sido nada tão dramático como isso. A verdade é que a separação

já tinha acontecido, à minha revelia, aquando do afastamento parcial do Vic, que não me passou despercebido, mas que na altura interpretei como uma necessidade de estar sozinho. Era a minha primeira Relação Séria (ou seja, daquelas que duram mais de seis meses), e eu pensava que estava a ser atenciosa ao afastar-me em vez de pedir atenção e insistir para que ele se abrisse comigo e me desvendasse a sua alma ou outras tretas dessas, mas, *na verdade*, tudo indica que eu estava a falhar uma espécie de teste — o meu grau de interesse, a importância que dava à nossa relação, etc. O telefonema dessa manhã foi apenas um aviso de cortesia para me dar conta dos resultados.

Ouvi calmamente a conclusão *exageradamente* neutra e casual do Vic, que me disse que achava melhor «continuarmos separados», porque era óbvio que eu não atribuía assim tanta importância à nossa relação. Ocorreu-me então que aquele telefonema era mais um teste, que eu podia passar se fingisse estar chateada e dissesse «claro que é importante» e «é só o confinamento e a agonia de estarmos separados, a angústia do isolamento», blá, blá, blá. Mas eu não sou de dramas. Além disso, fiquei fula da vida por perceber que aquele tipo que costumava louvar a minha «refrescante falta de paciência para joguinhos» estivesse ele próprio a fazer um joguinho comigo e a esperar que eu alinhasse e me saísse bem. Tudo aquilo era infantil, insultuoso e, muito sinceramente, desonesto. E foi exatamente isso que eu disse assim que ele parou de falar, mesmo antes de desligar. (Acredito piamente que não devemos ter filtros nas coisas que dizemos.) Atirei o telemóvel para o outro lado do quarto — desligar um *iPhone* não é tão satisfatório como desligar aqueles telefones fixos antigos, como o telefone da cozinha, e, além disso, o meu telemóvel tem uma capa de titânio industrial —, mas, raios, foi cair na minha colcha de pelúcia.

Estava a pensar em pegar nele para tentar novamente quando vi algo pela janela que me fez estancar: um rapaz com uma camisola amarela, a dobrar a esquina da nossa rua, a correr. O que

o meu cérebro não conseguiu conciliar foi o facto de a camisola pertencer ao Eugene — lembrava-me perfeitamente de ele a ter vestido nessa manhã —, mas aquela passada de corrida não. A parte do mosaico da síndrome de Angelman do Eugene significa que ele tem dois conjuntos distintos de genes no corpo: células com um defeito de impressão e células que funcionam normalmente. O mosaico faz com que ele seja «menos afetado» e não tenha alguns dos sintomas mais graves que podem afetar as crianças com SA, como convulsões e dificuldades em andar e comer.* O Eugene consegue fazer algumas coisas que pratica desde sempre, como usar utensílios, andar e até correr, mas tem problemas em manter uma coordenação e velocidade consistentes. É como um trava-línguas; podemos conseguir dizer uma ou duas vezes, se for com cuidado e devagar, mas, quanto mais longo e/ou rápido for o enunciado, maiores são as hipóteses de falharmos. O Eugene precisou de anos de terapia só para percorrer longas distâncias — daí fazer caminhadas diárias de ida e volta ao parque com o meu pai, para praticar — e sempre pensei que ele não gostava nada de correr. Como seria então possível que aquele rapaz, que parecia ser o meu irmão mais novo, estivesse a correr pela nossa longa rua?

É engraçado esta coisa dos irmãos; pensamos neles como um dado adquirido, mas depois acontece algo de bom ou de mau que desenterra e torna visível aquilo a que os coreanos chamam *jeong*. É difícil de traduzir; não é uma emoção específica — não é afeto,

* Por outro lado, o autismo torna o Eugene menos social e comunicativo do que muitas crianças com SA, que anseiam por ligações sociais. De facto, já ouvi pessoas descreverem o autismo e a SA como opostos, devido ao estereótipo de que as pessoas autistas são desprovidas de emoções e não são sociáveis. O médico que diagnosticou o Eugene disse que a SA por si só já é rara (afeta 1 em cada 20 mil nados-vivos) e que, por isso, com a variante em mosaico e o duplo diagnóstico de autismo, o Eugene era um «prodígio único», algo que me pareceu ter sido dito com a intenção de nos fazer sentir melhor.

nem amor —, é antes um elo complexo definido pela sua profundidade e história: aquela sensação de pertencermos ao mesmo todo, de termos os nossos destinos entrelaçados, impossíveis de separar, por muito que queiramos. Desci as escadas a correr, abri a porta da rua e saí, descalça.

— Meu Deus, Eugene, olha para ti! — exclamei, enquanto batia palmas. Nem sequer parecia coisa minha, mas cheguei mesmo a desatar aos gritinhos e aos pulos.

Mas onde estava o meu pai? Dei voltas à cabeça para tentar perceber se, na altura, pensei sequer na pergunta. Não reparei que ele não estava presente, mas isso também não foi uma questão para mim, se é que isso faz sentido. Quer dizer, não o vi, mas os pais são assim. Parece que estão sempre lá, por isso partimos do princípio de que estão, se for suposto estarem. Não pensei nisso, é o que quero dizer, no pressuposto de que ele teria incentivado o Eugene a correr e que, ao chegarem ao nosso bairro, o meu pai o teria deixado ir à frente a correr. Havia tantos motivos para o meu pai ter ficado para trás — podia ter sido atrasado pelas artroses dos joelhos (que eu soubesse, não as tinha, mas não me parecia descabido, tendo em conta que já fizera 50 anos) ou podia ter parado para gravar um vídeo, como os pais costumam fazer. Não que tenha pensado conscientemente nessas hipóteses na altura; como disse, pensei nele como os filhos pensam nos pais, ou seja, não pensei de todo.

Talvez isto seja uma desculpa, mas acho que estava demasiado encantada com o Eugene para pensar em qualquer outra coisa. Ele é lindo. Todos comentam o facto de ser uma mescla extraordinária dos nossos pais — não uma salgalhada de traços diferentes de cada um deles, como eu e o John, mas uma verdadeira amálgama, como se os olhos/nariz/cor da pele/etc. do nosso pai se tivessem fundido com os da nossa mãe. A luz do Sol a refulgir no seu rosto, aquele sorriso rasgado, triunfante e orgulhoso, e, sobretudo, a forma como corria pelo nosso relvado, com as pernas e os braços numa elegante sincronia atlética como eu

nunca tinha visto. Ao aproximar-se, vi arranhões nos joelhos e sujidade na camisola amarela, mas isso dava-lhe um ar ainda mais alegre de miúdo traquinas a brincar no bosque com os amigos, a rir e a dar pouca ou nenhuma importância aos arranhões daí resultantes.

A minha eterna irritação com o John, a minha mágoa pelas palavras duras da minha mãe na noite anterior — nada disso importava. Custava-me que não estivessem a presenciar aquilo, só desejava ter o meu telemóvel para poder gravar o Eugene e mostrar-lhes as imagens. Esqueci-me de que estava irritada, esqueci-me dos múltiplos testes do Vic, esqueci-me do ultimato da minha mãe, esqueci-me de tudo exceto de que nunca tinha visto o Eugene tão gracioso, tão mundano, e corri pelo relvado para o abraçar com força.

Não sei do que estava à espera — um abraço apertado, talvez; que aqueles braços que pareciam tão fortes e ágeis me cingissem, ou até mesmo o seu habitual quase abraço, inerte como se tolerasse o meu amplexo, com os braços a levantarem-se frouxamente e depois a caírem como se não aguentasse o esforço. Não nos tínhamos abraçado ultimamente, e suponho que estava à espera de que a emoção daquele momento apagasse a estranheza que havia entre nós, que desfizesse o que acontecera no Natal. A esperança é uma coisa perigosa, leva-nos a confundir o que é possível com o que não é.

O Eugene continuou a correr e, quando estávamos já muito próximos, com aquele sorriso enorme ainda na cara, levantou as mãos e empurrou-me. O Eugene, o meu irmão mais novo, empurrou-me para o chão. Com força.

Agora que penso nisso, devia ter-me precavido, tendo em conta que corria na minha direção a toda a velocidade. Mas aquele sorriso — aquele sorriso é um problema. Sei que nem sempre significa alegria, que o Eugene às vezes sorri e ri quando sente ansiedade, dor, sobrecarga sensorial, até raiva; já li sobre isso, falei com médicos sobre isso, vi provas disso. Mas há coisas que

estão tão enraizadas na nossa cultura, talvez na própria humanidade, que é difícil convencermos-nos do contrário; a intuição supera sempre o intelecto. O sorriso é um exemplo disso mesmo. Não os sorrisos falsos e escarninhos, mas aqueles sorrisos rasgados, de rosto inteiro, como os do Eugene — com lábios, olhos, sobrancelhas, até as orelhas, tudo misturado. Os meus pais e o John diziam que eram capazes de «ler» as diferenças subtis nos sorrisos do Eugene, de modo a desvendarem o seu verdadeiro estado emocional, mas eu nunca fora capaz de os discernir. Além disso, não tinha qualquer razão para duvidar da sua felicidade; estava tão arrebatada com a extraordinária normalidade daquele momento, tão feliz eu própria, que parti do princípio de que o Eugene devia sentir o mesmo, e o seu sorriso indiciava isso mesmo, confirmava-o. O que estou a tentar dizer é que não estava preparada para o empurrão, e caí. Torci o tornozelo e senti um choque elétrico a subir-me pela coluna.

— Ai! — gritei, mais alto do que a dor física justificava, mais para fazer com que o Eugene parasse, mas ele seguiu em frente, passou pela porta da rua e entrou em casa.

Porque não me levantei logo? Parece-me agora evidente que se tratou de um daqueles momentos de viragem nas nossas vidas, uma bifurcação crucial de duas realidades possíveis. Realidade A: cerro os dentes, levanto-me, entro em casa para ir buscar gelo, começo a pensar onde está o meu pai e envio-lhe uma mensagem/um pedido de localização ou ligo-lhe; fico ralada com a ausência de resposta, e ligo à minha mãe e ao John, que vêm imediatamente para casa; iniciamos as buscas antes da tempestade e talvez até chamemos a polícia. O meu pai é encontrado — ferido, talvez até a precisar de ser retirado com a ajuda de um helicóptero, UCI, coma, amputação, o que seja, mas vivo — e todos aprendemos uma lição sobre como não tomar a nossa sorte, e uns aos outros, como um dado adquirido, e continuamos a viver o resto da nossa vida, quaisquer que sejam os níveis de felicidade e a duração da mesma. Realidade B: fico deitada e não faço nada.

Escolhi a B.

Em minha defesa, tentei mexer-me e doeu muito. Podia ter suportado a dor e ter-me levantado, é verdade, mas parecia-me difícil e eu não queria nada que fosse difícil. Além disso, estava cansada, e era estranhamente agradável estar na rua, com a relva fresca e espinhosa contra os dedos das mãos e a planta dos pés. O nosso bairro é oficialmente um subúrbio de Washington D.C., mas costumava fazer parte do parque, por isso manteve o seu aspeto rural, com casas de quinta isoladas, quintais arborizados e ruas estreitas e de gravilha. A nossa rua era particularmente sossegada e deserta, e, ali sentada, sem telemóvel ou computador, senti uma paz tranquila a invadir-me, a dor no meu tornozelo a suavizar.

O quarto do Eugene ficava mesmo por cima de mim e a janela devia estar aberta, porque conseguia ouvir-lhe os saltos, acompanhados pelos sons agudos da voz — aquilo a que chamo *risiccato*, por parecer uma mistura de canto, riso e violino tocado em *spiccato* (aquele som produzido pelo arco ligeiramente saltitante). É o que ele faz para aliviar o stress: perde-se no movimento repetitivo e no som para restaurar a ordem quando os sentidos lhe ficam sobrecarregados.

Olhei para a janela do quarto dele. Tinha o sol a bater-me nos olhos, mas, através do véu de luz, consegui ver-lhe o topo da cabeça a subir a cada segundo, com o tom agudo a surgir no momento em que a cabeça atingia o ápice, seguido do tom grave dos pés a baterem no chão. Quase parecia a faixa rítmica de uma canção — *hiii-bum, hiii-bum, hiii-bum* — precisa e sincopada, sendo o seu *risiccato* uma nota aguda que algumas coloraturas nem sequer conseguem atingir. Eu tenho uma afinação perfeita, por isso percebi que era um ré, quase uma oitava acima do seu habitual fá.

Deitei-me na relva e fiquei a olhar, a ouvir, a pensar. Quanto mais alto o tom, mais rápida a corrida, o empurrão. Em retrospectiva, parecem-me pistas óbvias, réplicas alimentadas pela

adrenalina do choque do carro e do que quer que tivesse acontecido no parque com o meu pai, mas, naquele momento, só conseguia concentrar-me no quanto o Eugene estava a mudar, no quanto já tinha mudado, enquanto continuava distraída. Aquele empurrão, em particular, chocou-me. Não apenas o facto de o Eugene me ter atacado sem razão aparente — não era inédito —, mas pela força dele, pela sensação de agressividade. Dois braços dobrados à altura do peito, e depois um movimento de cotovelos suave, impercetível e eficiente, que fez com que uma rapariga de 20 anos, 1,70 metros e 59 quilos como eu caísse para trás. A última vez que ele me tinha agredido fora no Natal. Apenas seis meses antes, mas era mais pequeno na altura, um miúdo magricela cujos braços eu conseguia segurar para o impedir de arranhar-me — mas não de pontapear, como descobri da pior maneira. Agora, tinha a minha altura e estava sem dúvida mais volumoso e pesado. Tinha 14 anos: já não era uma criança, mas ainda não era um homem; aquela terrível e mágica idade em que um desajeitado se pode tornar invencível e depois novamente desajeitado, ou até mesmo em que as duas coisas coexistem. Em breve, faria 15 anos, a idade em que o John atingiu 1,83 metros. Quanto mais corpulento e mais alto o Eugene ficasse, mais cuidado eu teria de ter. Muito em breve, se é que isso não acontecia já, ele seria capaz de se virar até ao John ou ao meu pai.

Senti os olhos a lacrimejar. Não eram lágrimas de choro — eu raramente choro. Só podia ser a luz do Sol. Aquele brilho intenso estava a afetar toda a minha visão depois de ter passado mais de 90% dos últimos três meses de confinamento no meu quarto, com as cortinas fechadas. Além disso, os meus olhos estavam cansados, as pálpebras pesadas e doridas. Adquirira o hábito de ficar acordada até tarde, de adormecer por volta do nascer do sol, de ser obrigada a acordar para o pequeno-almoço em família e depois voltar para a cama, mas, graças ao Telefonema do Vic, não tinha dormido nessa manhã. A adrenalina do golpe duplo Vic-Eugene mantivera-me desperta, mas essa

adrenalina e a dor estavam a desaparecer rapidamente, o que me deixava esgotada.

Sentia-me sonolenta, com os olhos a fecharem-se, quando ouvi o ruído constante do cascalho a ranger — passos a avançar pela entrada. O meu pai. Esquecera-me de que ele ainda não tinha chegado. Esperava que fosse ver como eu estava e me levasse para dentro de casa, e só de pensar nisso fiquei ainda mais exausta; não me queria mexer, não queria falar sobre o facto de o Eugene me ter empurrado, não queria ter de lidar com nada nem com ninguém. Ainda assim, tenho de admitir que me custou quando percebi que ele continuou a andar, sem dizer nada; não pude deixar de imaginar a algazarra que não teria sido se fosse o Eugene que estivesse ali deitado, imóvel. Quase disse «só para ficares descansado, não estou morta, mas obrigada pela preocupação», mas foi mais gratificante não dizer nada, ficar ali deitada e pestanejar para não chorar, no pleno exercício do meu regozijo por ter sido semiabandonada, empurrada para o chão e agora ignorada pelas pessoas que supostamente me amam. Tive noção, naquela altura, de que o facto de não fazer nem dizer nada era um teste passivo-agressivo muito semelhante aos que tinha imputado ao Vic há menos de dez minutos, mas havia qualquer coisa de admiravelmente indulgente, quase romântico, em tudo aquilo.

Os passos continuaram pela entrada e contornaram a casa em direção às traseiras. Quando ouvi o rangido ténue da porta de tela do alpendre a abrir-se, ponderei se o meu pai estaria a evitar-me de propósito, como fizera na noite anterior depois da discussão que tive com a minha mãe. Nada de especial: ela descobriu que eu tinha mudado de curso — de Filosofia e Música para Computação Musical, com ênfase em Composição Algorítmica — e que acabara de obter aprovação para me licenciar um ano mais cedo, algo que ainda não lhes tinha contado. Não é que estivesse a guardar segredo, mas não me ocorreu falar disso com eles. Falei com os meus professores e orientadores académicos e, sinceramente, pensei que os meus pais aprovariam o facto de escolher uma área

mais prática, já para não falar de ficarem contentes por pouparem um ano de propinas.

«A questão não é essa», dissera a minha mãe. «Não é a substância da decisão, mas o facto de não te teres dado ao trabalho de nos contar.» Pedi desculpa, mas, com a carga horária ridícula que tinha às costas, acabei por me distrair e esqueci-me de tocar no assunto. «Mas tu voltaste há meses e nós temos estado juntos todos os dias, pelo menos ao pequeno-almoço e ao jantar. Sinceramente, Mia, ages como uma inquilina. Sei muito mais sobre o que se está a passar na vida do John.»

Poupe-me. Primeiro: não falávamos durante o jantar devido à obrigatoriedade diária de haver uma Noite de Cinema + Jantar em Família, integrada na campanha dos nossos pais para usar a pandemia para nos tornar mais próximos. Segundo: desculpem lá, mas não há quem aguente o John e o seu melodrama semanal de acabar e retomar com a namorada, uma rapariga que os nossos pais *adoravam*. Entre esses relatos pormenorizados e a angústia da família por saber que a Henry's House — o centro de terapia do Eugene e local de estágio de verão do John — estava a lutar para se manter aberta durante o confinamento, tudo o que eu fazia durante o pequeno-almoço era ouvir e comer.

Pensei que o meu pai iria ao meu quarto depois de a minha mãe sair, para exprimir a sua mágoa e acalmar as coisas entre nós, mas nunca o fez. Ao pequeno-almoço, a minha mãe informou-me de que ela e o meu pai queriam «ter uma conversa comigo» mais tarde, o que me pareceu uma ameaça. Pensei em antecipar tudo com um recital de lágrimas sobre a agonia do drama da separação do Vic, mas não, tinha quase a certeza de que não lhes tinha falado do Vic, o que só iria piorar as coisas, contribuindo com mais argumentos para as queixas da minha mãe sobre o facto de eu não lhes contar nada.

Fechei os olhos e virei a cara para o sol ofuscante. O mundo ficou vazio. Laranja-vivo. Um caleidoscópio de fosfenos rodopiou, substituído por explosões de vermelho que surgiam como fogo

de artifício translúcido, tornando a paleta mais escura e mais intensa, num carmesim carregado. Apertei os olhos com mais força, e os pontos negros escorreram em manchas como borrões de tinta em papel molhado, saltando para cima e para baixo ao mesmo ritmo que a cabeça do Eugene na janela; os ecos visuais dos seus saltos a combinarem com o *hiii-bum* que ouvia por cima de mim. Perdi-me no ritmo de tudo aquilo. O sol aquecia-me as pálpebras e deixei-me adormecer.

Armadilhas Heurísticas à Sacidadade

Há um conceito heurístico chamado percepção seletiva, um tipo de enviesamento de confirmação que descreve aquela poderosa tendência humana para fazer suposições e até apreender as coisas de forma diferente consoante a forma como se alinham com as nossas expectativas. Esperamos que x aconteça, acontece algo que é consistente com x (embora também com y e z), por isso decidimos que x aconteceu. Eu contava que o meu pai chegasse a casa com o Eugene, por isso, quando ouvi passos na entrada cinco minutos depois de o Eugene chegar, pensei: *Pai*. Senti aquilo de forma tão fácil, profunda e intuitiva que se me tivessem perguntado (como a minha mãe e o John fizeram quatro horas mais tarde) se tinha visto o meu pai, teria respondido que sim (como respondi mesmo). Não pensei naquilo como uma suposição, decisão ou crença; aconteceu mesmo. O meu pai estava em casa. Claro que estava. Onde mais poderia estar? Além disso, quem mais poderia ser aquela pessoa?

Assim que fazemos a primeira suposição, ocorre um novo enviesamento cognitivo: o enviesamento de ancoragem, a tendência que todos temos para confiar em demasia na primeira informação que obtemos sobre um determinado tópico. Qualquer informação subsequente é interpretada de forma distorcida, visto que nos agarramos obstinadamente à suposição original, apesar

das indicações de que esta pode não estar correta (por exemplo, porque haveria o meu pai, que sempre foi curioso ao ponto de se tornar irritante, de passar pela filha imóvel e deitada sem parar?) A minha equação Passos = Pai tornou-se uma âncora sólida para todos os meus pensamentos posteriores. Quando o suposto pai passou por mim em silêncio, construí uma narrativa improvável sobre o facto de ele não querer saber de mim, em vez de repensar a minha suposição. Quando ouvi o Eugene a continuar a saltar no quarto, não pensei: *Olha que estranho, o pai nunca deixa o Eugene saltar tanto tempo. Às tantas, aquela pessoa não era o meu pai*; em vez disso, pensei: *Graças a Deus que o pai está a dar descanso ao Eugene, talvez esteja finalmente a aprender a descontraír.*

À medida que o tempo passava, a âncora afundava-se mais, e eu espalhei o seu efeito a terceiros. Quando a minha mãe me enviou uma mensagem a perguntar se tinha visto o meu pai e o Eugene, porque estava preocupada que tivessem sido apanhados pela chuva, eu disse que sim, que tinham chegado a casa muito antes da tempestade. Quando ela e o John chegaram a casa e não encontrámos o meu pai em lado nenhum, eu disse que ele devia ter perdido o telemóvel no parque e que devia ter voltado para o procurar. É quase assustador pensar na minha certeza arrogante e na aceitação inquestionável da minha família, mesmo à medida que o dia avançava e o regresso do meu pai se tornava cada vez mais improvável.

A razão pela qual estou tão concentrada no *porquê* e no *como* da minha suposição Passos = Pai é que isso, mais ainda do que o facto de eu ter adormecido, ditou o momento em que iniciámos as buscas, um fator que, desde então, descobri ser o elemento mais importante para encontrar pessoas desaparecidas com vida, independentemente da idade, circunstância ou ambiente. Com base numa cronologia que construí com recurso a registos telefónicos, dados meteorológicos e recriações cronometradas, calculei quanto tempo perdemos em virtude da minha suposição errada: quatro horas, mais minuto, menos minuto. Passo a explicar

os meus cálculos: desliguei o telefone ao Vic às 11h41, o que significa que saí e caí por volta das 11h45, e ouvi os passos por volta das 11h50. Se tivesse feito o mínimo esforço para dizer um olá superficial ou até mesmo abrir os olhos, teria percebido que não era o meu pai, ter-lhe-ia telefonado ou enviado uma mensagem e, em seguida, telefonado ou enviado uma mensagem à minha mãe e ao John. Eu e a minha mãe somos pessoas racionais — de um modo geral, não entramos em pânico —, mas o John de certeza que se tinha passado e voltado para casa (o local onde está a estagiar fica a seis minutos de carro) e começado a procurar imediatamente, o que colocaria o início desta hipotética busca por volta das 12h15, mais de uma hora antes da tempestade.

Assim, face a este hipotético início das buscas às 12h15, eis o que aconteceu de facto: acordei por volta da 13h30 com gotas de chuva a caírem-me na cara, lentas e espaçadas, mas pesadas, daquela forma ameaçadora que indicia que está prestes a desabar um temporal, e com uma rajada de vento que me atirou o cabelo para os olhos, simultaneamente a um estrondo próximo, que pensei ser um ramo de árvore a cair no nosso telhado, mas que entretanto percebi que teria sido a corrente de ar a fechar a porta da rua. Cambaleei até à porta mais próxima de mim (a porta lateral da cozinha, que, felizmente, nunca fechamos), mas sem conseguir entrar antes de a chuva desabar sobre mim.

Às 13h34, quando estava a entrar para o duche, ouvi o sinal de mensagem no telemóvel. Teria ignorado — já tinha visto oito chamadas não atendidas e um ecrã cheio de mensagens do Vic, iterações de «Desligaste-me o telefone na cara? A sério?!?!», «Liga-me de volta!!!» e «Então?!?!» (o Vic adora abusar dos pontos de exclamação e interrogação) —, mas aquele era o som de *A Quinta Dimensão*, que tinha atribuído à minha mãe, e a verdade é que estava a tentar cair-lhe nas boas graças depois da discussão da noite anterior, por isso respondi-lhe, garantindo que o meu pai e o Eugene tinham chegado a casa antes da tempestade e que, claro, teria todo o gosto em dar uma volta à casa e fechar todas as

janelas. Queria mesmo fazer isso, mas já estava despida, por isso enviei uma mensagem ao meu pai a pedir para fechar as janelas («Por favor, mãe», especifiquei — estou a tentar controlar os meus instintos de mandona) antes de me meter num duche bem longo e bem quente.

Trocámos mais cinco mensagens. Tudo coisas relacionadas com a logística familiar e com o papel de comprador e cozinheiro da família desempenhado pelo meu pai — mais café e vodca (mãe), gelado e pizza congelada (John) e sushi para o jantar (eu). Várias mensagens sem resposta, sem que nenhum de nós atribuísse importância a esse facto. Era o meu pai que cuidava de nós; era *ele* que reparava, que prestava atenção, que nos salvava dos problemas. Era essa a sua função. (Podemos dizer que a minha mãe também tinha essa função, mas apenas quando estava em casa e não quando estava a trabalhar, tal como o meu pai fazia antes de trocarmos de lugar, há quatro anos.) Se reparámos na ausência de resposta foi por irritação, não por preocupação, mas, sinceramente, a verdade é que nunca reparei. A situação com o Vic estava a ficar descontrolada; fiz os possíveis por ignorar a enxurrada de chamadas e mensagens, mas acabei por ficar tão farta que tive de o bloquear, o que me deixou furiosa por ter sido obrigada a tornar-me o tipo de pessoa que bloqueia ex-namorados.

Por volta das 15h30, a minha mãe e o John chegaram a casa mais cedo para uma reunião por Zoom sobre o semestre no estrangeiro do meu irmão, que teria início no outono, mas que, entretanto, foi cancelado. Para não variar, a minha mãe seguiu diretamente para o quarto do Eugene, para lhe dar o habitual abraço de «olá, tive saudades tuas». (Nem sequer vou comentar a inexistência de uma rotina semelhante no que toca à minha pessoa, coisa que até agradeço, visto que dispenso abraços.) Ambos entraram no meu quarto cinco minutos depois, o John para dizer que não encontrava o pai em lado nenhum, onde é que ele estava?, e a minha mãe para dizer que o Eugene ainda tinha a roupa enlameada e os sapatos de caminhada e que não parava

de saltar — o que é que se passava? Eu disse-lhes que não era a polícia dos sapatos dentro de casa e que talvez o pai tivesse saído para fazer uns recados. A minha mãe disse que não, que o carro dele estava na entrada, e o John acrescentou que o telemóvel do pai estava «fora do radar».

— Fora do radar? Mas agora somos espões infiltrados? — Fico arrepiada só de pensar nisso, na maneira como revirei os olhos e me ri do John. Procurei a localização do meu pai no telemóvel: localização atual desconhecida, última localização conhecida às 11h12 no trilho da cascata, um dos poucos pontos do parque com rede (embora intermitente). Era óbvio o que tinha acontecido. — Repara, o telemóvel dele estava no parque a esta hora. Ele já veio a casa desde então, por isso deve ter deixado o telemóvel no parque. Isso explica porque é que ele não nos enviou nenhuma mensagem. A dada altura, apercebeu-se do que tinha acontecido e voltou para o procurar. Faz todo o sentido.

— O quê? Não faz sentido nenhum. Porque sairia sem nos dizer? — contrapôs o John.

— Humm... porque não o faria? Ele. Não. Tinha. O. Telemóvel. É o que acontece quando perdemos alguma coisa. — Falei pausadamente, exagerando na articulação das palavras, como faço quando o John está a ser estúpido. Ele detesta isso.

— Mas porque não deixou um bilhete? Ou falou contigo diretamente? — insistiu o John, sem ponta de irritação e sem acusar o meu sarcasmo, o que era invulgar e preocupante. Ele estava mesmo preocupado, o que, por sua vez, me deixou preocupada.

— Um bilhete? Em que século é que estamos? De certeza que ele pensou que só ia estar fora durante meia hora. Deve voltar a qualquer momento.

Olhámos os dois para a minha mãe. Não costumava meter-se nas nossas zangas, mas aquilo era diferente. Ela suspirou. Conheço bem os suspiros dela, e aquele em particular — curto e audível, com um franzir de sobrolho e um abanar de cabeça

— significava «você os dois são demasiado crescidos para estas tretas infantis». Olhou para mim.

— Quando foi a última vez que o viste em casa?

Haveria um indício no fundo da minha mente, uma dúvida ínfima, de que eu pudesse *não ter visto* o meu pai, muito menos *dentro* de casa, desde que tinham saído para o parque? Mas conseguia imaginá-lo a franzir o sobrolho e a abanar a cabeça perante o facto de ter passado o dia todo deitada, e depois a dar-me espaço, caminhando até ao pendre das traseiras para entrar.

— Quando ele chegou a casa, por volta das 11h30 ou assim.

— *11h30?* — exclamou o John. — Então, tanto quanto sabemos, o pai pode ter torcido um tornozelo e estar lá sentado há cinco horas, a pensar porque é que não o vamos ajudar.

Quis dizer-lhe para se acalmar, fazer pouco das suas capacidades matemáticas, dizer que as 11h30 tinham sido há *quatro* horas, mas a minha mãe disse:

— Vamos lá ter calma e falar sobre isto. Mia, quando o pai chegou a casa, disse alguma coisa sobre o telemóvel? Parecia preocupado? Estava a coxear ou magoado? — Foi ao procurar pistas na minha memória de três segundos que comecei a pensar: Será que abri os olhos? Vi as pernas dele... ou os sapatos? Precisamente quando me apercebi de que não lhe tinha visto a cara nem ouvido a voz, a minha mãe disse que tinha enviado uma mensagem ao meu pai para ele trazer para dentro a encomenda que tínhamos recebido nessa manhã. — O pai fez isso? Mais alguém veio cá a casa? Vizinhos?

Desde que a minha mãe e o John entraram, o ambiente no quarto foi mudando gradualmente. A nossa preocupação tornava-se mais notória a cada pergunta que se fazia; pequenos passos numa ligeira descida. Assim que estas duas constatações convergiram — 1) eu não tinha visto nem ouvido o meu pai, e 2) havia outra pessoa (e, portanto, outros pés) a subir a nossa entrada naquela manhã —, os pequenos passos transformaram-se numa queda abrupta num precipício.

— Que encomenda? — perguntei. — Quando é que chegou? A minha mãe franziu o sobrolho e abanou a cabeça.

— Hoje de manhã. Porquê?

— A que *horas*? E onde é que a deixaram? Podes verificar, por favor?

A minha mãe consultou o e-mail com a hora de chegada, mas eu já sabia. Do lado de dentro da porta de tela do alpendre das traseiras às 11h47, quando eu estava deitada na relva, debaixo da janela do Eugene, sonolenta ao sol do fim da manhã.

Contei à minha mãe e ao John. Sentia-me estranhamente entorpecida — não sei se pelo constrangimento de me aperceber do meu erro ou pela premonição de que aquilo era o início de algo significativo — e usei esse entorpecimento para fingir uma leveza que não sentia. Falei de forma objetiva, cingi-me aos factos: o empurrão do Eugene, o tornozelo magoado, o deixar-me estar deitada na relva, o sol nos olhos, os passos. Disse que ainda havia uma hipótese de ser o pai, mas que provavelmente não era, e que nesse caso...

— Nesse caso, o pai nunca voltou para casa. O Eugene veio para casa sozinho e o pai esteve desaparecido o dia todo e tu nem sequer reparaste — constatou o John.

E tinha razão. Não só não reparei, como impedi ativamente os esforços de *outros* para repararem. Se o John não o tivesse dito, talvez eu própria o tivesse assumido. Mas há qualquer coisa na acusação de um irmão — sobretudo de um gémeo — que desencadeia um instinto de negação. É algo que remonta aos nossos tempos de criança, provavelmente ao útero, em que nos acotovelávamos um ao outro. *Mentira. Verdade. Mentira.*

Passei à ofensiva, num tom tão casual e condescendente quanto possível:

— *Desaparecido*? Estás a fazer uma tempestade num copo de água. Tenho a certeza de que o pai está bem. Pode haver milhentas explicações.

Passei a divagar com a primeira que me ocorreu, uma variação da minha anterior teoria da busca do telemóvel perdido,

em que o meu pai voltava ao parque depois de acompanhar o Eugene em segurança até ao nosso bairro, mas, muito sinceramente, nem eu própria acreditava nela, e já estava à procura de algo melhor quando me ocorreu: o Eugene deve ter fugido no parque. Sim, claro, isso fazia sentido, sobretudo tendo em conta a correria daquela manhã. O meu pai andar à procura de um telemóvel durante quatro horas, no meio de uma tempestade terrível... isso era um disparate, claro. Mas, se ele achasse que o Eugene estava perdido no bosque, não arredaria pé dali dia e noite, procuraria atrás de cada árvore, de cada rocha, em cada rua do bairro, até o encontrar. Não nos ligava: não podia, fosse como fosse, por causa da pouca rede, mas, além disso, o meu pai tinha a mania de ser o protetor da família, carregando ele próprio os fardos para nos poupar a dor e a preocupação. E nem sequer consideraria a possibilidade de o Eugene chegar a casa sozinho. O meu irmão tinha pavor de atravessar as ruas, e naquela quase autoestrada de quatro faixas que separava o nosso bairro do parque havia dias em que o meu pai levava uns bons cinco minutos a convencê-lo a atravessar. Nunca havia de pensar que o Eugene estava em casa.

Mais tarde, enquanto estava em linha de espera com um serviço de urgência, ocorreu-me: *como é que o Eugene chegou a casa?* Eu sabia que as estradas estavam muito menos movimentadas com a pandemia, mas mesmo assim era inconcebível que tivesse atravessado aquela estrada sozinho, o que significava que o meu pai devia tê-lo ajudado a atravessar a estrada até ao nosso bairro e dito para ele correr para casa apenas quando chegasse às ruas seguras e familiares. Aquela foi a primeira vez que me ocorreu: *será que o meu pai fugiu intencionalmente?*

Em todo o caso, na altura, não parámos para pensar no percurso do Eugene até casa. O que interessava era que tínhamos uma explicação plausível, consistente com uma realidade em que o nosso pai estava bem, a procurar em todo o lado menos no

único sítio onde o Eugene estava em segurança há várias horas. Visto assim, era quase cómico — que tonto era o nosso pai! — e eu até cheguei a dizer:

— Já estou a ver que nos vamos rir disto ao jantar, e o pai vai ficar tão envergonhado. Devíamos obrigá-lo a lavar a louça para nos compensar das preocupações.

Não quero dar a impressão errada. Não foi só gozo e brincadeira, nada disso. Não estávamos a delirar; sabíamos que não seria tão fácil como ir ao parque e encontrar o nosso pai a vaguear e a chamar pelo Eugene, correr para lhe dizer que o meu irmão estava em casa, e acabarmos todos aos abraços e às gargalhadas, como acontece nas séries televisivas. Não tivemos de dizer o que era óbvio, que uma (se não a) razão provável para a longa demora do nosso pai era o facto de estar magoado. A minha mãe limitou-se a dizer que devíamos ir à procura dele e levar um estojo de primeiros socorros, por precaução, e eu disse que ligaria para os hospitais mais próximos, por precaução.

Foi nessa altura que o John falou em chamar a polícia. Disse-o como se já tivéssemos falado sobre isso e tomado uma decisão. Depois de eu ter dito que o meu tornozelo ainda estava dorido e que não queria atrasá-los, e que por isso devia ficar em casa, para o caso de o pai voltar antes deles, o John disse:

— Então, quando chamares a polícia, dá-lhes o nosso...

— A *polícia*? — estranhei.

O John olhou para mim, depois para a mãe e depois de novo para mim. Parecia confuso, como se não conseguisse perceber qual de nós não estava a ver bem a coisa.

— Humm, o pai está desaparecido. É isso que se faz quando as pessoas desaparecem, chama-se a polícia.

E ele a dar-lhe com o «desaparecido».

— Para de dizer que ele está *desaparecido*. O pai é um homem adulto que ainda não chegou a casa de um sítio para onde nem sequer tinha de ir. Ainda está de dia lá fora, por amor de Deus, e nem sequer tirámos cinco minutos para o procurar. Além disso,

não podes participar o desaparecimento de uma pessoa sem terem passado vinte e quatro horas.

— O quê? Onde é que ouviste isso? Num programa de televisão?

— Li sobre isso. Na *The New Yorker*. — (Mentira. Vi no *Lei & Ordem: Unidade Especial*.)

Vi a dúvida a instalar-se, o rosto do John a suavizar-se, os olhos a desviarem-se para baixo e para o lado, como se tentasse lembrar-se se tinha lido aquilo. (Não tinha; ele nunca lê os artigos, só as bandas desenhadas.)

— Além disso — prossegui, enquanto olhava para a minha mãe para ver se ela resolvia a nossa discussão —, se a polícia se envolver, sabes que vão tentar falar com o Eugene, talvez levá-lo para a esquadra. Será que queremos isso?

A resposta foi não. O Eugene não se dava bem com estranhos ou ambientes novos. Não era apenas uma questão de conforto (embora isso fosse fundamental para nós, sobretudo para a nossa mãe), mas também o receio de que o stress adicional tornasse mais difícil a comunicação com ele. Antes de ir para o parque, a minha mãe conseguiu que ele parasse de saltar e ajudou-o a tirar a roupa e os sapatos sujos, mas, assim que perguntou o que tinha acontecido ao pai, na esperança de perceber alguma coisa através da sua linguagem corporal, expressões faciais, gestos, *qualquer coisa*, o Eugene correu para o armário e recusou-se a sair. A minha mãe queria tentar perguntar novamente mais tarde, usando cartões com imagens — SIM (sorriso), NÃO (careta) e NÃO SEI (encolher de ombros) —, os últimos de uma longa série de instrumentos de comunicação alternativa que os terapeutas do Eugene tinham experimentado ao longo dos anos. Para preservar qualquer hipótese de o Eugene se acalmar o suficiente para nos dizer algo útil sobre o pai, precisávamos de manter a polícia afastada. Foi o que eu disse, e ganhei. A minha mãe decidiu que, por enquanto, devíamos ser nós a procurar o pai.

Sei o que estão a pensar. Estou a pensar o mesmo. O John tinha razão; eu estava errada. Se tivéssemos chamado a polícia imediatamente, eles teriam vasculhado na água, procurado sangue nas rochas, interrogado testemunhas — tudo aquilo que acabaram por fazer, mas de forma atempada, o que faria diferença na trajetória da investigação. Talvez.

Mas, por vezes, quando algo acontece, ou melhor, quando algo pode ter acontecido, conseguimos manter o medo à distância negando-o. Confirmar a sua gravidade dizendo-o em voz alta — «Temos uma emergência. O nosso pai está desaparecido.» — não só é aterrador como parece insensato quando ainda há dois caminhos que podem ser seguidos. O momento está em equilíbrio como um balancé e a brisa mais ligeira pode ser o fator decisivo entre subir ou descer, encontrado ou desaparecido, vivo ou morto. Vi o mesmo pensamento nos olhos da minha mãe: chamar a polícia significaria que tínhamos um problema grave em mãos. Rir da tolice do meu pai podia ajudar a desequilibrar o balancé na direção certa, a convencer o universo a deixar-nos em paz.

Não precisam de dizer; eu sei — desejar e fingir não levam a lado nenhum. Nós sabíamos disso. Talvez fosse apenas uma questão de egoísmo, um desejo de manter a relativa tranquilidade da nossa vida por mais algum tempo, pelo menos, a bem do Eugene. Quase conseguia ouvir o meu pai a dizer: «Estou bem, não se preocupem comigo; preocupem-se com o Eugene, é dele que têm de cuidar.» Foi o que fizemos, e, claro, em retrospectiva, parece-me agora evidente: aquele meio dia de ignorância — feliz, não, digamos antes pré-dolorosa — trouxe-nos muitos mais problemas mais tarde.

Iniciámos as buscas pelo meu pai às 16h04. Com três horas e 49 minutos de atraso, caso não tivéssemos... vocês sabem. O parque tem 162 hectares de bosques e riachos, limitados a norte pelo rio Potomac. O plano era que o John percorresse o parque de

bicicleta, usando os trilhos para cobrir o máximo de terreno possível, enquanto a minha mãe conduzia e caminhava à volta do perímetro do parque e dos bairros circundantes. Eu devia ficar em casa com o Eugene, alimentá-lo, mantê-lo calmo, talvez tentar perguntar-lhe outra vez pelo pai, e ligar para os hospitais locais.

Liguei para onze. Nunca me tinha apercebido de que havia tantas urgências por perto. Disse a mim própria que era uma perda de tempo, que só o fazia porque a minha mãe me tinha pedido, mas, de cada vez que perguntava se um Adam Parson ou um desconhecido tinham dado entrada naquele dia, os músculos do meu peito contraíam-se, expelindo o ácido do estômago para o esófago e, a cada *não*, sentia um alívio e tudo se soltava e voltava ao seu lugar. Entre um telefonema e outro, verificava a localização da minha família, à espera de que algo mudasse — atualizava a localização do John e a antiga do meu pai, via os dois pontos a aproximarem-se e depois a afastarem-se, o ponto do John a circular à volta do parque, o ponto fantasma do meu pai a manter-se inalterado.

Eram 18h03 quando a minha mãe me ligou. Estava deitada no chão do quarto do Eugene, ao lado do meu irmão, que se encontrava deitado num pufe tapado por um cobertor. Estava agarrado ao *iPad*, a ver repetidamente um vídeo de desenhos animados Manhwa que tinha visto vezes sem conta na Coreia. A minha mãe sugeriu todo aquele cenário para o manter confortável e equilibrado, mas, sinceramente, o vídeo também me estava a ajudar. Vivemos na Coreia durante oito anos, dos meus 5 aos 13 anos, e aquele vídeo ainda me transporta imediatamente para o nosso apartamento em Seul — terá algo que ver com o tom melífluo do estilo de conversa informal das crianças nos desenhos animados —, e eu precisava daquilo naquele momento. Atendi a chamada da minha mãe e disse de imediato:

— Pronto, liguei para todos os hospitais num raio de 80 quilómetros e não há sinal do pai. E, sim, lembrei-me de perguntar se tinha dado entrada algum desconhecido.

A minha mãe não disse nada e eu quase desliguei, já a pensar que ela devia estar sem rede.

— Mãe? Estás a ouvir? Alguma novidade? — perguntei, antes de ela poder dizer alguma coisa.

Disse-me que tinham procurado por toda a parte; que percorreram a área de carro, que o John tinha andado de bicicleta por todo o lado, em trilhos, fora deles, à volta dos bosques, ao longo do rio, nos bairros, e que não havia sinal do meu pai, que o parque estava vazio e assustador, com poças de lama por todo o lado devido à tempestade recente, sem ninguém por perto.

— Mia — disse-me, e lembro-me de me sentar ao ouvir a forma como pronunciou o meu nome. Parecia tratar-se de um anúncio importante. — Mia — repetiu. — Não conseguimos encontrá-lo. Receio bem... — Pigarreou. — Temos de chamar a polícia.

Assenti com a cabeça. Respondi que estava bem. Disse-lhe para voltar para casa e que nos víamos em breve, e desliguei.

Olhei pela janela do Eugene. Que estranho — ainda nem 18h30 eram, naquela tarde de verão, e, olhando para o céu, podia jurar que era o pôr do sol. Seria das nuvens pós-tempestade. O céu parecia sombrio, o sol espreitava através de uma brecha nas nuvens junto à linha do horizonte, com um fulgor ardente. As nuvens pareciam uma cordilheira distante, num cinzento-azulado da cor de uma nódoa negra que começa a desaparecer, e o céu à volta do Sol era de um vermelho suave, demasiado uniforme para ser real. Ponderei se não seria um sonho, fruto da minha mente privada de sono que estaria a processar o melodrama com o Vic.

As crianças Manhwa cantavam uma cantiga alegre em sol maior, pontuada por gritos agudos que perfuravam e rangiam, o equivalente em desenhos animados às unhas a raspar num quadro.

— Eugene, maninho, isso está muito alto. Vamos baixar o volume, está bem? — Peguei no *iPad*.

O Eugene aproximou o ecrã da cara e agarrou-o com mais força. Os polegares ficaram-lhe roxos da pressão. Ao olhar mais de perto para a sujidade que tinha nas mãos, reparei num crescente de vermelho-escuro debaixo da unha do polegar direito.

Endireitei-me. Inclinei-me para ver as outras unhas e reparei nos mesmos rasgos de vermelho debaixo das unhas do indicador e do dedo médio da mão direita. Levantei-me para procurar a camisola amarela e os calções que ele trazia vestidos do parque e encontrei-os num monte de roupa suja atrás da porta da casa de banho. Quando levantei a camisola e vi uma mancha vermelho-escuro no ombro, a campainha tocou.

Mesmo antes de ver as fardas da polícia pelo óculo da porta, tive a sensação de que tudo estava a mudar. As luzes intermitentes do carro-patrolha deviam estar acesas, os feixes estroboscópicos vermelhos e azuis atravessaram o cenário do falso pôr do sol e deixaram os meus sentidos em sobressalto. Não me lembro de ter visto as luzes, mas devo tê-las visto. É a única explicação que encontro para o que fiz a seguir. Apanhei a pilha de roupa suja do Eugene e corri para a lavandaria para a meter na máquina de lavar com detergente. Carreguei no botão *Start*. Quando a campainha voltou a tocar, corri para junto do Eugene, sussurrei «anda» e levei-o para a casa de banho. Pus a água a correr e disse-lhe para entrar. Pus sabonete numa esponja e entreguei-lha, apontando para as unhas. Fiz o gesto de friccionar e disse-lhe para esfregar com força. Tirar tudo. Lavar, limpar.

MELHORES LIVROS DO ANO

The Washington Post • *Bookpage* • *Kirkus Reviews*
New York Post • *Book Riot* • *Chicago Public Library* • *She Reads*

«Não chamámos logo a polícia.»

Estas são as primeiras palavras de um romance extraordinário sobre uma família cujas vidas se alteram de um dia para o outro quando o pai desaparece.

Mia, uma jovem de 20 anos irreverente e hiperanalítica, tem uma explicação para tudo — e é por isso que, num primeiro momento, não fica preocupada quando o seu pai e o seu irmão Eugene, um rapaz autista e portador da rara síndrome de Angelman que não consegue falar, demoram a regressar de um passeio por um parque próximo de casa. O mais provável será que tenham perdido o telefone. Ou talvez tenham parado para fazer alguma coisa nalgum sítio.

Quando o irmão entra em casa, ensanguentado e sozinho, torna-se claro, todavia, que o pai está desaparecido e que a única testemunha é o próprio Eugene.

O que se segue é uma investigação ininterrupta do paradeiro deste pai, mas também um retrato emocionalmente rico e comovente de uma família cujos segredos podem estar no cerne do seu desaparecimento.

Com uma narrativa poderosa, Angie Kim transforma a trama clássica de um desaparecimento em algo totalmente original, criando a história inesquecível de uma família que tem de fazer tudo para verdadeiramente se encontrar.

«A afirmação de que um livro irá mudar a nossa vida parece muitas vezes um exagero. Aqui, o potencial é real.»

Kirkus Reviews



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897878824



9 789897 878824 >